

NYN, João. *Tybyra: uma tragédia indígena brasileira. Tyryrá: ymã mba'e wai nhandewa regwa pindó reta-re. Ilustrações de Denilson Baniwa. São Paulo: Selo do burro, 2020. 110 p.*

Thiago Alexandre Correa ¹

É possível demarcar territórios físicos sem Demarcar Ymaginários?

(JuãoNÿn)

Tybyra: uma tragédia indígena brasileira (2020) é a dramaturgia de estreia do indígena potiguara, João Nÿn, multiartista que traz à tona sob sua ótica criativa o primeiro caso de TLBGfobia² documentado neste território que foi instituído com o nome de Brasil pelas políticas de poder hegemônicas coloniais, e que tem sido reiteradamente lembrado como Pindorama pelos povos originários. Nesta obra, o autor possibilita que o crime seja denunciado pela voz narrativa da própria vítima, um indígena Tupinambá que foi assassinado na boca de um canhão, tendo sido acusado de sodomia, por não corresponder aos padrões de gênero e sexualidade ditados pelos dogmas dos colonizadores europeus. Estes invasores, não satisfeitos em saquear as terras que tomaram de assalto, também se sentiram no direito de aniquilar corpos, subjetividades e cosmovisões plurais que ali já habitavam. A intenção do autor foi oferecer um prisma de leitura que “dialogasse e atrytasse com o livro “Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614” do Francês Yves Devreux, registro fonte da morte de Tybyra [...]” (NYN, 2010, p. 100). Ou seja, a partir de uma perspectiva que foi historicamente sufocada, mas que agora ressurge confrontando esses séculos de asfixiamento físico e simbólico.

Juão Nÿn, nesse sentido, atua como um dos guardiões da memória de Tybyra, que por sua atuação criativa, afetiva e política aciona esse eco que sempre esteve armazenado no histórico sombrio e genocida da invasão de Abya Yala, ambiente que é identificado por muitos povos indígenas como o território que corresponde às Américas.

¹Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: yothiagocorrea@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4154-1180>

² TLBG possivelmente seja um redimensionamento na ordem das siglas LGBT e que em nossa leitura acreditamos que o artista buscou promover algum tipo de provocação sobre a invisibilidade de alguns corpos dentro dessa própria comunidade LGBTI, como os corpos transgêneros e travestis.

A reverberação da voz de Tybyra toma corpo em potyguês, linguagem criada pelo autor, substituindo todos os “i”s da língua portuguesa por “y”, vogal sagrada em Tupy-Guarany³, e que, conforme podemos perceber em sua provocação na epígrafe desta resenha, se conecta com a indagação sobre os desdobramentos do ato de demarcar imaginários. As razões que o levam a criar essa forma de demarcação simbólica são apresentadas na introdução da obra, da seguinte maneira:

Antes de mays nada, precyso comunicar que aquy e em toda estétyca do lyvro, quando escrevo ou quando TYBYRA abre a boca, todos os “i” somem e são substytuýdos por Y, yncluyndo palavras como “Ryo Grande do Norte”, “Brasyl” e os nomes dos meus famylyares nos agradecymentos, por fazerem parte da trasmutação da vogal sagrada aquy. Essa trasmutação não ocorre nos demays nomes própryos, respeytando autodeclarações e em palavras em Lýngua Natyva. Yntyitulo essa lynguagem de Potyguês.

Por que?

Porque Y é uma vogal sagrada Tupy-Guarany.

Porque o Brasyl é um Paýs sem pyngos nos “i”s.

Porque as lýnguas yndýgenas brasyleyras não são alfabéticas.

Potyguês é um manifesto lyteráryo e se apropria do alfabeto grego latyno para fazer uma demarcação Yndýgena Potyguara no Português; ydyoma este que veyo nas caravelas de Portugal, assym como o Espanhol, da Espanha, e o Ynglês, da Ynglaterra, e que não são, obvyamente, oryundos daqui.

NENHUMA DESSAS LÝNGUAS É DA AMÉRYCA!

Parece óbvyo, mas se somos uma plurynação multyétnyca, por que não aprendemos em todas as escolas ao menos uma lýngua natyva, já que temos mays de 274 lýnguas locays?

Améryca também é uma fycção, uma Matryx Colonial com nome dado em homenagem a um colonizador. ABYA YALA, na lýngua do povo Kuna, sygnyfyca “Terra Madura”, “TerraVyva” ou “Terra em florescymto”. É como os Movymentos Yndýgenas Contemporâneos desse contynente a têm chamado. (NYN, 2020, p. 9-10)

Essa linguagem construída pelo autor também é utilizada no álbum *Ruýnas* de sua banda *Androyde sem Par*. Aliás, João Nÿn é um exemplo de uma rede de artistas da contemporaneidade que tem se expressado criativamente no trânsito entre variadas linguagens e diferentes meios e suportes, muitas delas conectadas às mídias digitais. Inclusive, as redes sociais têm se apresentado como alternativas de comunicação a artistas e grupos sociais que

³ Decidimos aqui manter a grafia proposta por João Nÿn, substituindo os “i”s por “y”.

têm se apropriado dessas ferramentas de modo a intensificar suas autonomias e modos subjetivos de expressão. Essa configuração potencializa o encontro de afinidades em comum, favorecendo o letramento político e emancipatório, o que pode ser uma abertura de caminhos para se investigar e nutrir a pluralidade dos afetos e subjetividades. É algo que vai de encontro com o que defende Daniel Munduruku, um dos pioneiros da literatura indígena brasileira contemporânea, a respeito da atualização de suas ancestralidades:

“As pessoas acham que a cultura indígena é algo congelado no tempo. Elas se esquecem que a cultura é dinâmica, ela precisa se atualizar para se manter viva. Então, para nós fazermos jus à ideia de circularidade do tempo, nós temos que fazer um caminho de atualização das nossas memórias ancestrais e, ao dominar os equipamentos e tecnologias, nós estamos fazendo exatamente isso, renovando nossa própria ancestralidade.” (MUNDURUKU, n.p.)

Juão Nÿn também é formado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, “desenvolve trabalhos no teatro com o Coletivo Estopô Balaio e com a Cia. de Arte TEATRO INTERROMPIDO e é também ativista comunicador da Articulação dos Povos Indígenas do Rio Grande do Norte” (NYN, 2020). Sendo bastante atuante nas mídias digitais, boa parte de seus trabalhos são divulgados em seu perfil pessoal do *Instagram* @juaonyn, e talvez um dos que atraia especial atenção é o seu Cocar de Seringas que, segundo o artista, quase chegou a ser exposto no Museu de Microbiologia do Instituto Butantan⁴:

⁴No texto desta publicação o artista afirma: “Se eu dysser que o Ynstytuto Butantã, no Museu de Mycrobyologya, eles quase deyxaram meu Cocar de Seryngas em acesso em: Acesso 04 mar. 2022 exposysão...”. Fonte: https://www.instagram.com/p/CJxAsrFFhfi/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso 04 mar. 2022.

Figura 1: João Nj̃n com Cocar de Seringas em postagem do *Instagram*



Fonte: Instagram do artista @juaonyn. Foto por: @mylenasouza

Sua dramaturgia de estreia se desenrola em um monólogo dividido em 5 atos: Luz I - O prazer; Luz II - A prysão; Luz III - O cárcere; Luz IV - A sentença e Luz V - A execução. Exceto pelo último, cada um dos demais reservam momentos em que é apresentada em destaque a palavra “rayzes”, seguida da menção de distintos nomes de plantas, muitas delas utilizadas para fins medicinais, como capim limão, gengibre e aroeira. A referência a essas plantas possivelmente indique o vínculo estabelecido pelos povos originários com a terra, resultantes de sua atenta leitura e percepção sobre os significados de cura (física e espiritual) que determinadas plantas oferecem, contribuindo para a interação e funcionamento em equilíbrio de um dado ambiente.

Aliás, é imprescindível não perder de vista que muitas das cosmovisões indígenas não estabelecem uma nítida separação entre práticas de vida e manifestação artística, pois nesse processo de ritualização do cotidiano estão inerentes experiências afetivas e poéticas, algo que é mais fluentemente identificável no ocidente pelo que se costuma designar por arte, ou linguagens artísticas, sendo este comportamento uma prática natural e espontânea nas vivências

indígenas. Nessa perspectiva, arte e vida se indissociam, pois todas as experiências de vida dispõem necessariamente desse potencial de poeticidade.

Assim, é importante lembrar que, independentemente do contexto cultural, a maioria das interações articuladas com o(s) mundo(s) (senão todas elas) se constroem por algum nível de linguagem. A linguagem manifestada em Tybyra possivelmente tenha se desdobrado de um contexto que não se reduz às implicações de ordem material, mas também se relaciona a significados mais profundos, afetivos e sagrados, e não unicamente palpáveis no plano da materialidade.

Além das 5 partes já mencionadas, também há um momento inicial que as antecede intitulado “Antes da luz” no qual temos indicados recortes de relatos a serem projetados na montagem da peça. São declarações reais, de distintas épocas, mas todas elas fixadas em um mesmo direcionamento ideológico, responsável por reproduzir violências coloniais, simbólicas e físicas, contra as humanidades dos povos originários, sendo alguns dos ataques direcionadas a aqueles que performam gênero e sexualidade dissidentes. Eis as declarações:

“Os índios do Brasyll cometem pecados que clamam aos céus.” (Jesuýta Padre Manuel da Nobrega, em 1549, para a Coroa Portuguesa). [...]

“São os tupinambás tão luxuriosos que não há pecado que eles não cometam.” (Hystoryador português Gabriel Soares de Souza em “Tratado Descritivo do Brasyll”, 1547.)

“Lá em Brasília o Arnaldo viu, os índios tudo de camisetinha, tudo arrumadinho, com flechinha, tudo um bando de viadinho. Tinha uns três que eram viado, que eu tenho certeza, viado. Eu não sabia que tinha índio viado, fui saber naquele dia em Brasília. Então é desse jeito que tá. Como é que índio consegue ser viado, ser baitola e não consegue produzir? Negativo...” (Deputado Fernando Furtado, 4 de julho de 2015, durante audyência públyca e São Luýs do Maranhão.) (NYN, 2010, p. 25-26).

A obra é ilustrada por Denilson Baniwa, artista do povo Baniwa que foi vencedor do prêmio Pipa de 2019⁵, e que tem realizado um potente trabalho de emancipação da arte dos povos originários e descatequização das mentes. Também tem prefácio de Eliane Potiguara que,

⁵O Prêmio PIPA é uma iniciativa do *Instituto PIPA*. Foi criado em 2010 para ser o mais relevante prêmio brasileiro de artes visuais. De 2010 a 2018, o PIPA estabeleceu uma parceria com o MAM-Rio, onde foram realizadas as exposições dos finalistas. Cada um dos 4 finalistas de cada ano doou uma obra para coleção de arte contemporânea do museu. Via Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/sobre-o-premio-pipa-2021/>

assim como o já mencionado Daniel Munduruku, é uma das pioneiras da literatura indígena brasileira e carrega um primoroso legado de luta em defesa dos direitos e humanidades dos povos indígenas.

Além dos já mencionados idiomas, português e potyguês, o texto traz ainda a tradução para Tupy Guarany⁶ Moderno, realizada por Luã Apyka, com revisão deste idioma por Eliza Para Martins, Cleiray Wera Fernando e Lucas Mirindju. Há, além disso, uma provocadora leitura dramática disponível no *Youtube*⁷, com direção de Renato Carrera, que foi executada na modalidade remota nos contextos de pandemia.

A dramaturgia de João Nÿn, como pudemos perceber, além que se configurar como uma pulsante representação da vitalidade criativa que tem sido manifestada por artistas indígenas contemporâneos, também é uma celebração da presença das ancestralidades dissidentes que as opressoras políticas coloniais insistiram em tentar exterminar, mas não contavam que o poder de sua resistência seria fértil a ponto de suas sementes brotarem mesmo após esse incalculável período de sufocamento, como afirma o provérbio indígena “quiseram nos enterrar mas nós somos sementes” (FELIPE TAKARIJU, 2021)⁸. Não por acaso, bem nos lembra João Nÿn⁹, que, ironicamente, no mesmo solo daquela São Luís do Maranhão, onde a colonialidade católica assassinou Tybyra na boca de um canhão, despontou a fenomenal existência, conhecida internacionalmente, de Pablló Vittar, que assim como *Tybyra*, confrontou as normas de gênero

⁶ Aqui também decidimos manter a grafia utilizada na ficha catalográfica do livro, utilizando os “y”s no lugar dos “i”s.

⁷ A leitura dramática de *Tybyra: uma tragédia yndígena brasyleyra*, pode ser visualizada em <https://www.youtube.com/watch?v=GYwaMibHO-0>.

⁸ Este provérbio indígena também nomeia um dos capítulos do livro *Alienindi: os portais dos mundos* (2021), do indígena e pesquisador, Felipe Coelho Iaru Yê Takariju, do povo Takariju, disponível gratuitamente no endereço: <https://www2.uepg.br/proex/ebook-alienindi-os-portais-dos-mundos/>. Observação: Na citação optou-se por indicar a referência com nome pessoal do pesquisador seguido do nome do seu povo “Felipe Takariju”, como forma de demarcar simbolicamente, evitando ainda possíveis confusões entre outros pesquisadores que também possam ser do mesmo povo “Takariju”. Essa recomendação foi sugerida pela pesquisadora, Doutora em Teoria da Literatura, escritora e curadora de literatura indígena, Julie Dorrico, em uma banca de qualificação de dissertação de mestrado, algo que tem sido utilizado para referenciar intelectuais indígenas que assinam suas publicações com nome pessoal seguido do nome de seu povo: “ex: Ailton Krenak, 2018; Daniel Munduruku, 2019; Eliane Potiguara, 2020; Felipe Takariju, 2021”.

⁹ Em live de aula aberta “Tybyra: uma tragédia indígena brasileira com João Nÿn e Janau” faz essa conexão em Tybyra e Pablló Vittar. Essa menção ocorre ao final da fala no tempo 01:05:15 e a aula está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=YzNgpxRmiGk&t=2796s>

e sexualidade ditadas pelos poderes hegemônicos. São os ecos do canhão denunciando que as corpos¹⁰ dissidentes estão mais vivas e férteis do que nunca.

Referências

Aula aberta | Tybyra: uma tragédia indígena brasileira com João Nyn e Janau. [São Paulo] 25 nov. 2020. Youtube: Casa 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YzNgpxRmiGk&t=2796s>. Acesso em 13 jun. 2021.

LEITURA DRAMÁTICA | Tybyra: Uma Tragédia Yndígena Brasyleyra | com acessibilidade. 05 dez 2021. Youtube: Outra Margem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GYwaMibHO-0>. Acesso em 04 mar. 2022.

MEIRELES, Flavia. CORPOS/CORPAS/CORPES DISSIDENTES E A CENA ARTÍSTICA: POLÍTICAS DA DIFERENÇA. **MORINGA: Artes do Espetáculo**, v.11, n.1, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos3.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/53469>. Acesso: 04 mar. 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **Vozes de origem em folhas de papel:** a literatura indígena como ativismo político, cultural e atualizador da memória: depoimento. Nonada, 02 dez. 2019. Depoimento concedido a Joyce Rocha. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2019/12/vozes-de-origem-em-folhas-de-papel/>. Acesso em 05 de mar. 2021.

NYN, João. **Tybyra:** uma tragédia indígena brasileira. **Tyryrá:** ymã mba'e wai nhandewa regwa pindó reta-re. Ilustrações de Denilson Baniwa. São Paulo: Selo do burro, 2020. 110 p.

Prêmio Pipa. **Sobre o Prêmio Pipa 2021.** Prêmio Pipa. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/sobre-o-premio-pipa-2021/>. Acesso em 13 jun. 2021.

Se eu dysser que no Ynstytuto Butantã, no Museu de Mycrobyologya, eles já quase deixaram meu Cocar de Seryngas em exposição... [São Paulo]. 7 jan. 2021. **Instagram:** @juaonyn. Foto por @mylenasouza. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CJxAsrFFhfi/?utm_medium=copy_link. Acesso: 13 jun. 2021.

TAKARIJU, Felipe Coelho Iaru Yê. **Alienindi:** Os portais dos mundos. Ponta Grossa: UEPG-PROEX, 2021.

¹⁰ Decidi utilizar essa expressão, “corpas”, inspirando-nos na provocação dos movimentos de gênero e sexualidade dissidentes, tendo como referência as considerações da pesquisadora Flávia Meireles, contidas em seu artigo *Corpos/corpas/corpes dissidentes e a cena artística: políticas da diferença* (2020). Ela indica em sua primeira nota de rodapé, sobre a utilização dos termos corpos/corpas/corpes: “Absorvi, neste texto, a torção da linguagem proposta pelos movimentos *trans* e feministas: genericar palavras que, na língua (o)culta, são reduzidas ao gênero masculino e, inversamente, adotar designações neutras (*eex*) com intuito de assinalar a possibilidade de uma não-imposição de gênero.”(MEIRELES, 2020, p.33), disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/53469/30754>. Acesso em 04 mar. de 2022.